

# É possível vencer a pobreza em liberdade, diz FHC

Dida Sampaio/AE

Presidente afirma, em Fortaleza, que justiça social pode ser buscada sem autoritarismo

DEMÉTRIO WEBER  
e LU AIKO OTTA  
Enviados especiais

**F**ORTALEZA – Em um discurso feito ontem, no seminário “O Desafio Democrático nas Américas”, o presidente Fernando Henrique Cardoso abordou os desafios da democracia no continente e defendeu, numa exposição recheada de exemplos históricos, a idéia de que é possível enfrentar os desafios da pobreza e das diferenças sociais sem se abrir mão da liberdade. Afirmou que não se deve pensar em termos de um Estado menor, mas sim de um Estado mais competente e ressaltou que “o que se vê é que está havendo, efetivamente, um enraizamento da democracia (no continente)”. Segundo ele, a

Bem-humorado, em terno branco e gravata azul, Fernando Henrique brincou com o presidente do BID. Iglesias teria sido nos últimos dias, segundo o presidente, aclamado imperador do Brasil, dada à sua intensa participação no evento. Fernando Henrique estendeu a brincadeira ao governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), apresentando-o como o “marquês Jereissati”.

**Populismo** – Toledo lembrou que o grande desafio da democracia é conviver com a desigualdade e a pobreza e, por mais difícil que seja, os governantes devem evitar ações populistas que levem à ruína econômica. Ele contou que, por agir assim, enfrenta queda no seu índice de popularidade. “Estou acostumado”, emendou Fernando Henrique, em espanhol. Ele sublinhou que a luta contra a desigualdade em cada país passa também pelo combate às assimetrias internacionais.

metrias internacionais. Ao final do seminário, o presidente brasileiro resumiu o debate da seguinte forma: “A liberdade é fundamental, a democracia não se restringe à institucionalidade partidária e eleitoral – se estende à sociedade, requer um Estado mais ágil e mais competente”, disse. “É possível sim, dentro da democracia, levar políticas sociais que diminuam o nível de pobreza.”

Hoje, o presidente reúne-se em Fortaleza com os presidentes do Equador, Gustavo Nódoa, e do Peru, Alejandro Toledo, para fazer um balanço sobre o acordo de paz assinado em 1998 pelos dois países andinos, em Brasília. Na época, a disputa por uma área fronteiriça de 78 quilômetros, na região da Cordilheira de Condor, criou tensão. O entendimento foi patrocinado por Fernando Henrique.

Como parte do acordo, ficou acertado que as fronteiras entre Equador e Peru receberiam investimentos de US\$ 3 bilhões, entre recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) outros financiamentos e investimentos privados. Ontem, Toledo e Nódoa participaram de um seminário, na reunião do BID, em que se discutiram formas de distribuir o dinheiro que está sendo investido na área.

**Desequilíbrio** – O presidente enfatizou ser possível combater a pobreza e a desigualdade dentro do regime democrático, mas ressaltou a necessidade cada vez maior de o Estado ser competente. “Realmente, nós temos um problema de um certo desequilíbrio entre o que a sociedade demanda, o que ela já é capaz de se propor e a capacidade de processar essas demandas pelo nosso sistema político.”

Fernando Henrique destacou o papel central reservado à universidade e, em especial, à educação, como ferramentas capazes de assegurar o desenvolvimento. “É essencial para que a própria economia possa acrescentar riqueza suficiente, para que possamos dar conta da nossa agenda política e social.”

**P**RESIDENTE  
DEFENDEU  
‘ESTADO MAIS  
COMPETENTE’



FHC, com Toledo (à dir.): “A liberdade é fundamental, a democracia não se restringe à institucionalidade partidária e eleitoral”

## PRINCIPAIS TRECHOS DO DISCURSO

■ **Democracia x desenvolvimento** – “Vemos que as percepções sobre democracia, sobre desenvolvimento, nem sempre foram coincidentes e em certas épocas da história (sobretudo no século 19, mesmo no século 20), havia uma certa tensão, uma oposição mesmo, entre liberdade e igualdade (...), entre direitos individuais e justiça social.”

■ **Concentrar renda x crescer** – “Em certas épocas, na América Latina, houve essa antinomia, de que era preciso

“De perspectivas diferentes, eles contam a mesma história que, no fundo, é a nossa história: as transições democráticas são longas, são lentas”

concentrar renda para poder crescer. Na verdade, uma série de falsas antinomias (...) pouco a pouco, fomos mudando essa percepção (...) hoje, apesar de não ter sido possível atender às demandas existentes, percebemos que o sentimento de liberdade e democracia passa a ter um papel central na possibilidade do próprio desenvolvimento econômico.”

■ **Processo longo** – “Esse processo de tornar a democracia compatível com maior igualdade, de criar um corpo institucional que permita o funcionamento do mercado, é um processo de longa história em nosso continente. Muitas vezes as pessoas ficam temendo que não seja possível assegurar com a liberdade as demandas sociais. É uma percepção equivocada. Ao mesmo tempo em que se foi organizando (a sociedade), houve a colocação com mais força da demanda de igualdade. (...) foi-se mostrando que o que está acontecendo é que essas condições de liberdade propiciam maior luta contra a pobreza, maior participação.”

■ **Transições lentas** – “Recentemente, li um livro sobre o México que me impressionou muito, La Ceniza y la Semilla (“As Cinzas e as Sementes”), de Hector Avillar. E li outro sobre a Argentina, também interessante. Infelizmente não tive um para ler sobre o Brasil. Gostaria. Se não fizerem até eu sair do governo, vou escrever. De perspectivas diferentes, eles contam a mesma história que, no fundo, é a nossa história: as transições democráticas são longas, são lentas. E muitas vezes há um vai-vem, um zigzag. Quem não analisar com maior perspectiva histórica perde o sentido da transforma-

ção (...) e num dado momento se diz: ‘Meu Deus, mais uma vez fracassou a democracia. As esperanças foram frustradas.’ Mas quando se vê, ao longo da história (...) o que se vê é que está havendo, efetivamente, um enraizamento da democracia.”

■ **Igualdade x liberalismo** – “O grande tema, no século 19, era saber se era possível estabelecer uma situação democrática e de mais igualdade se não houvesse liberalismo. O socialismo pelejou muito nessa questão. A contenda era saber se, para chegar ao que se deseja, à boa sociedade, era ou não necessário primeiro reafirmar os valores da liberdade. Eu acho hoje em dia essa dúvida foi desaparecendo. Os valores da liberdade primam sobre os demais, para que possamos institucionalizar formas de

democracia.”

■ **Insatisfação** – “Aqui se colocam questões difíceis para a sociedade e mais ainda para quem governa. Porque as ansiedades derivadas da pobreza, da desigualdade, são muito grandes. E o tempo da reconstrução das instituições é mais lento. E isso gera uma carga permanente de insatisfação e uma certa dificuldade de lidar com a questão da democracia.”

■ **Tarefas simultâneas** – “(...) o que está acontecendo em toda a América Latina é o reconhecimento de que temos que trabalhar simultaneamente nessas áreas-frente. Simultaneamente manter a liberdade, fortalecer as instituições democráticas, enraizar os procedimentos de demanda da sociedade organizada, tornar o Estado mais poroso. Isso é o grande desafio.”

■ **Sem pessimismo** – “Temos assistido à reorganização do sistema produtivo mundial em que os fluxos econômicos positivos, mas também os negativos, muitas vezes estão longe da capacidade de controle dos Estados nacionais. Mas disso não deve derivar o pessimismo. Não deve derivar a sensação de que não é possível avançar no mesmo tempo com a liberdade, com democracia e com políticas mais igualitárias.

■ **México** – “É apaixonante ver como o caso mexicano, de 82 para cá, de alguma maneira, o próprio Estado e o partido que sustentava o Estado foram se modificando progressivamente

até dar lugar, no ano 2000, a uma alternância de poder.”

■ **Sindicalismo** – “Talvez um dos paradoxos maiores e pouco percebidos no caso do Brasil é que o regime militar abriu espaço para um sindicalismo independente. Porque ele combateu o sindicalismo anterior, que era vinculado ao Estado, tirou o poder político dos sindicatos mas deixou os sindicatos com o poder de negociar na sociedade. Ou seja, dentro do próprio sistema autoritário, a sociedade foi ganhando outra forma. Eu me refiro ao sindicalismo mas (...) estamos assistindo ao fortalecimento do que se veio a chamar, aqui, uma coisa que na Europa tinha outro significado: sociedade civil.”

■ **Refundação da república** – “E certamente estamos assistindo, com consciência dos atores ou não, em quase toda a América Latina, uma espécie de refundação da república. Refundação porque ela tem de ser ampliada para englobar esses valores novos e os atores novos e também, de alguma maneira, no sentido de que vão revalidar certos valores fundamentais da vida republicana.”

■ **Coerção** – “Demandam segurança e, curiosamente, ao mesmo tempo, de alguma maneira ainda existe um sentimento de deslegitimação da ação coercitiva do Estado. É contraditório: dependendo do momento, pedem segurança. No momento seguinte, reclamam que

Estado usou a sua característica tradicional de monopolista da coerção, da violência.”

■ **Competência** – “Se pensava: mais Estado ou menos Estado? Como se, para haver democracia e liberdade e mercado fosse preciso haver menos Estado. Não é essa a questão, é Estado mais competente. E mais competente, hoje em dia, significa um Estado capaz de reformular as instituições sociais e políticas na direção já assinalada. Um Estado capaz de assegurar uma certa estabilidade na vida. E estabilidade na vida requer controle da inflação, um orçamento fiscal equilibrado, responsabilidade fiscal, requer uma porção de questões que hoje são questões ligadas não só à democracia, mas à igualdade. Há, portanto, que se refazer muito o pensamento antigo, que tinha, de um lado, o liberalismo, do outro a igualdade. De

um lado a sociedade privada, de outro a ação do Estado. Isso tudo é passado. E é esse o problema que estamos enfrentando na nossa região.”

■ **Universidades** – “A questão da universidade passa a ser crucial e, não só no sentido de que ela é essencial para que o Estado seja mais competente, mas também é essencial para que a própria economia possa acrescentar riquezas suficientes para que nós possamos dar conta da nossa agenda política e da nossa agenda social. É um ato de sabedoria estatal e econômica fortalecer as universidades, fortalecer o desenvolvimento tecnológico, fazer com que haja uma relação entre a empresa e a universidade que seja produtiva.”

■ **Globalização** – “Entendo que gritem contra a globalização, mas a verdadeira grita não pode ser de rechaço apenas porque ela está aí como forma de produção contemporânea (...) Tem de ser a de mudar a natureza dessa globalização para torná-la, para usar uma expressão mais simples, mais solidária.”

■ **Defasagem** – “Não quero generalizar, isso avança mais em alguns países no que noutros, mas em geral há uma certa defasagem. Isso é compreensível, porque estamos lidando com sociedades que se renovaram bastante, têm novos atores e os setores anteriores, estruturados da sociedade, mais oligárquicos, se mantêm encastelados no poder e não aceitam a refundação da República, não aceitam o comportamento a partir das regras e das expectativas que existem na opinião pública contemporânea local e internacional reagem à modernização”

“Mais Estado ou menos Estado? Como se, para haver democracia e liberdade e mercado fosse preciso haver menos Estado. A questão é o Estado mais competente”

■ **Novo e velho** – “E não há modo de resolver essa questão de forma cirúrgica. A forma cirúrgica seria a idéia de que uma revolução resolveria tudo. Não há condições de tal proposta. Não havendo condições para a proposta, o agendamento das instituições políticas, das instituições sociais e das econômicas fica na dependência de uma interrelação entre o novo e o velho. É sempre a expectativa é que o novo possa contaminar o velho e melhorar o velho.”